

ONU quer IPMF global para combate à pobreza

CLÓVIS ROSSI

Enviado especial a Copenhague

A ONU e um punhado de ONGs (organizações não-governamentais) defendem a criação de uma versão planetária do já extinto IPMF brasileiro, conhecido como "imposto do cheque".

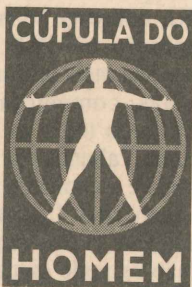
Seria uma taxa, com alíquota de 0,05%, sobre todas as transações envolvendo compra e venda de divisas estrangeiras.

A tributação geraria US\$ 150 bilhões por ano de 1995 a 2000, que seriam alocados para o combate à pobreza, tema central da Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Social, que abre hoje em Copenhague (Dinamarca).

Para comparação: é um terço do tamanho da economia brasileira e quase três vezes os US\$ 54,8 bilhões que os países desenvolvidos destinaram em 1993 à ajuda para os países pobres.

A idéia da taxa tem respaldo técnico suficiente: foi formulada originalmente por um Prêmio Nobel de Economia, o norte-americano James Tobin. Mas não consta da versão quase definitiva do documento final da cúpula, embora o texto abra uma brecha.

O rascunho do texto fala da necessidade de estabelecer "fontes inovadoras de financiamento" (pa-



ra combater a pobreza).

A taxa proposta é inequivocamente inovadora. Além disso, surge num momento em que as apostas contra ou a favor de determinadas moedas, nos mercados financeiros internacionais, estão no centro das preocupações econômicas globais.

Foram tais apostas que levaram o México ao colapso e, na sexta-feira, puxaram o dólar norte-americano para sua mais baixa cotação frente o iene japonês.

"Das transações internacionais com moedas, 95% cruzam as fronteiras com propósitos puramente especulativos", diz a economista alemã Inge Kaul, diretora de um dos escritórios do Programa da ONU para o Desenvolvimento.

Os países desenvolvidos opõem-se à taxa, mas parecem inclinar-se para a aceitação de outra forma de financiamento do combate à pobreza, a chamada fórmula 20/20, que pode constar do documento final.

Funcionaria assim: os países desenvolvidos dedicariam 20% de seus orçamentos de ajuda externa ao atendimento de necessidades básicas do ser humano (educação, saúde, habitação, saneamento etc).

Os países receptores, por sua vez, alocariam também 20% de seus gastos públicos para as mesmas áreas.

O total resultante seria, segundo o PNUD, um acréscimo de US\$ 37,4 bilhões aos US\$ 68,4 bilhões destinados hoje a programas sociais (quase 55% a mais).



Mulher da casta dos "intocáveis" da Índia trabalha ao lado de um porco num depósito de lixo de Nova Déli, a capital do país

Ricos divergem sobre prazo para reduzir miséria

Do enviado especial

Fixar ou não uma data-limite para a redução da pobreza é uma das principais divergências entre países pobres e ricos na véspera da inauguração, hoje, da Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Social.

O Grupo dos 77 (que engloba 132 países em desenvolvimento) quer que se estabeleça o ano de 2010 como o limite para que se reduza à metade o número de pobres no mundo, hoje calculado em 1,1 bilhão de pessoas, ou 20% da população do planeta.

As agências das Nações Unidas dão apoio à idéia. "Reduzir a pobreza à metade até o ano 2010 é

uma meta tão razoável quanto louvável", diz Jolly Richard, diretor-executivo interino do Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância).

Mas os países desenvolvidos são contra o que chamam de "camisa de força".

Não é a única divergência entre o Norte rico e o Sul pobre.

O presidente da Cúpula, Juan Somavia, embaixador chileno junto à ONU, defende uma discussão profunda sobre a redução ou até o cancelamento da dívida dos países mais pobres.

A delegação filipina, país que é o presidente de turno do G-77, garante que vai lutar para que a cúpula determine o cancelamento da

dívida desses países (de modo geral são os do Sul da Ásia e os africanos, mas em especial os da região subsaariana).

A terceira divergência Norte-Sul refere-se à ajuda aos países mais pobres (ODA, no jargão diplomático, de Assistência aos Países de Além-Mar, em inglês).

Em 1970, a ONU já havia fixado a meta de 0,7% do PIB de cada país rico como mínimo a ser dedicado a ODA. Mas só quatro países cumprem a meta (Dinamarca, Holanda, Noruega e Suécia).

Agora, os países em desenvolvimento querem que a cúpula de Copenhague marque o ano 2000 como a data-limite para que se chegue aos 0,7%. (CR)

TUDO PELO SOCIAL

Até ontem, haviam confirmado sua presença na cúpula 72 presidentes, 5 vice-presidentes e 42 primeiros-ministros. Total: 119. O cubano Fidel Castro, como é de praxe, não confirmou, mas é dado como presença certa.

Comentário do jornal dinamarquês "Politiken" a respeito da ausência de Fernando Henrique Cardoso: "É muito curioso".

A cúpula começa às 10h (6h em Brasília), com discursos do secretário-geral da ONU, Boutros Boutros-Ghali, e do premiê da Dinamarca, Poul Nyrup Rasmussen. Ghali dirá ser "intolerável que uma sociedade que avança a passos cada vez maiores para o



Limusines para conferência chegam à capital dinamarquesa

Dinamarqueses estão pessimistas

Do enviado especial

Há um abismo entre o que pensam os dinamarqueses sobre as consequências da cúpula e a avaliação dos responsáveis por ela.

Pesquisa do jornal local "Politiken" mostra que 76% dos dinamarqueses são pessimistas: 46% acham que a cúpula não fará diferença e 30%, que ela apenas criará falsas expectativas. Só 15% acham que ajudará a reduzir a pobreza.

Já Inge Kaul, do PNUD, comemora: "Haverá uma declaração muito clara de que a pobreza é vergonhosa e, mesmo que a cúpula só chegue a isso, deveríamos festejar, porque equivale a dizer que vamos abolir a escravidão, o colonialismo ou o apartheid".

A CIOSL (Confederação Internacional de Organizações Sindicais Livres, que representa 125,5 milhões de trabalhadores de 134 países) fica no meio do caminho.

"É um passo na direção correta", diz documento da central sindical. É, talvez, a avaliação adequada. A cúpula não eliminará a pobreza, mas pelo menos "emitirá um grito de alarme", como diz seu presidente, o diplomata chileno Juan Somavia. (CR).

Encontro tem tom de alegria

Do enviado especial

Uma reunião para discutir a pobreza "precisa ser alegre", proclama o Comitê de Recepção do Fórum-95, um conglomerado de eventos paralelos à cúpula, organizado pelas ONGs, com patrocínio também do governo dinamarquês (US\$ 4,5 milhões).

Alguns dos delegados levaram tão a sério o convite que deslocaram as discussões para longe da base naval desativada de Holmen, local do Fórum-95, invariavelmente varrida pelo gelado vento que vem do Oresund, o mar que banha Copenhague.

De hoje a domingo, há Cafés da Juventude em várias cafeterias da cidade, para discutir, por exemplo, como traduzir a cúpula para a juventude e para os jornais universitários ao redor do mundo.

Melhor ainda vai ser, na sexta-feira, o programa Boa Noite, Copenhague, boca-livre para os delegados em museus, galerias de arte, transportes e outras atrações.

Que ninguém pense, entretanto, que o fórum e a cúpula são apenas festa. Acima de tudo, é um enorme "supermercado de temas", como dizem os organizadores.

Só ontem, apesar de ser domin-

go, o "supermercado" oferecia 94 diferentes "produtos", das 9h às 21h. Espantosa variedade de produtos, aliás. Havia uma assembleia de pequenos agricultores, produtores e micro-empresários, representando 80 organizações de 30 países.

Proclamam-se orgulhosamente "a maioria do mundo" e querem que a cúpula lhes dedique mais atenção.

Havia ainda uma sigla já extinta, ou quase, no Ocidente, descrevendo os horrores da situação na Iraque (a do Partido Comunista dos Trabalhadores iraquiano).

Também estavam as donas-de-casa promovendo a Campanha Internacional por Salários para as Donas-de-Casa. Pegaram pesado: um panfleto por elas distribuído diz que "as mulheres fazem dois terços do trabalho no mundo todo, mas recebem apenas 5% da renda mundial".

Mas não faltava a alegria pedida pelos organizadores, às vezes tão espantosa quanto a diversidade das prateleiras do "supermercado de temas". O Encontro de Três Culturas exibiu uma dança ritual do Nepal, mais a dança dos espíritos da Groenlândia, mais dança contemporânea dinamarquesa. (CR)

progresso deixe à margem e no desespero absoluto mais de 1 bilhão de homens, mulheres e crianças".

★

O emir de Abu Dhabi, Zayed bin Sultan al-Nahayan, não gostou dos hotéis de Copenhague, sequer dos de cinco estrelas. Preferiu alugar uma sofisticada mansão no norte da cidade, mas, assim mesmo, mandou reformar o banheiro.

★

A declaração final da cúpula terá um preâmbulo (12 parágrafos), uma descrição da situação social no mundo e uma seção de "princípios e metas". Termina com nove compromissos já antecipados pela **Folha** em 26 de fevereiro.

★

Já o Programa de Ação, o segundo documento oficial da cúpula, está dividido em cinco capítulos: favorecer o ambiente para o desenvolvimento social; erradicação da pobreza; expansão do emprego produtivo e redução do desemprego; integração social; e implementação e seguimento.

★

Ao dar sua bênção dominical, o papa João Paulo 2º disse sobre a cúpula: "Espero sinceramente que essa reunião marque o início de uma nova fase no curso da humanidade, na qual os líderes das nações ponham o bem-estar dos indivíduos e dos povos no centro de suas atenções e esforços".